

ROMANCE
HEROICO,

QUE NA TRISTE OCCASIAO DA MORTE
DO SERENISSIMO SENHOR INFANTE

D. CARLOS

TIVERAÕ AUDIENCIA PUBLICA
da Raynha, e Princeza Nossas Senhoras, e
da Serenissima Senhora Infanta D. Francisca
todas as Senhoras da Corte vestidas de luto
com adereços, e mantos tallares de fumo.


FEITO PELO
CONDE DA ERICEIRA.



LISBOA OCCIDENTAL,
NA OFFICINA FERREIRIANA.

M. DCC. XXXVI.

Com todas as licenças necessarias.



L I C E N C , A S .

Do Santo Officio.

Vista a informaçõ , pode-se imprimir o Romance que se appresenta; e depois de impresso tornarã para se conferir , e dar licença que corra , sem aqual naõ correrã. Lisboa Occidental , 4. de Mayo de 1736.

Fr. Lancafre. Teixeira. Cabedo. Abreu.

Do Ordinario.

Pode-se imprimir o Romance de que se trata , e depois de impresso tornarã para se conferir , e dar licença para que corra. Lisboa Occidental , 6. de Mayo de 1736.

Gouvea.



DO P A C O

S E N H O R.

Vossa Magestade me mandou examinar hum Romance Heroico escrito na lingua Portugueza pelo Conde da Ericeyra D. Francisco Xavier de Menezes. Este preceito contem necessariamente duas partes , huma muy suave, e outra muy custoza à minha obediencia ; a muy suave he a lição para o exame , a muy custosa he o exame para o voto. Mas não sey em qual dellas me honra mais a benefica grandesa de Vossa Magestade, se quando quer que eu me instrua, se quando se digna de que eu o informe ?

Digo pois que esta Poesia he dignissima da excellencia do seu Autor, e da elevação do seu assumpto. O Autor não pôde ser mais excellente , porque he aquelle sabio com que não só se acreditaõ as Academias , mas as mesmas artes , e ciencias ; que nos tem dado tantos padroens do seu engenho fecundo, tantos do seu juizo sublime tantos do seu estudo immenso. O assumpto não pôde ser mais elevado, porque trata de humas pessoas Augustas na dignidade, e nos attributos , e de ourras egregias pelo esplendor , e pelos dotes.

E assim

E assim me parece que o Romance se deve estampar não só com permissão, mas por ordem de Vossa Magestade, porque se a obra merece o Real agrado de Vossa Magestade como perfeita, a materia pede o seu soberano patrocínio como sagrada, Lisboa Occidental, 10. de Mayo de 1736.

Conde de Vimioso.



Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará a esta Meza para se conferir, e taixar, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 19. de Mayo de 1736.

Pereira.

Teixeira.

In Laudem Excellentissimi Comitis Ericiensis
D. FRANCISCI XAVIER
DE MENEZES.

E P I G R A M M A.

Hic jacet in tumulo Clarissima Proles,
Hic prope constabit gloria clara Viri.
Hic teneros annos solvens sapientior altro
Ericiana domus nomina multiplicat.
Delia turba viro comiti congaudet & illi
Parnassi summi culmina celsa dare.



ROMANCE
HEROICO.

M A goa que excede hum alto documento,
Demonstração que iguala hum regio assumpto
Guiaraõ ao Palacio o Defengano ,
Quando ló no seu Templo entrava o Culto.

Estrellas , entre as fombas mais brilhantes,
Vestem no humano Ceo funestos lutos ,
Mostrando , que das luzes sempre foraõ
Infalveis effeytos , negros fumos.

Entre as nuvens suspenso o nobre pranto
Reprime decorozo o fatal fusto ,
E a os coraçoes amantes retrocede
O preciozo , e o tragico deluvio.

Perolas naõ se viraõ nos seus olhos,
Porque o preceito naõ permite indulto,
De que no infaulto adorno se equivoque
Ornato claro , e sentimento escuro.

R O M A N C E .

O s fumos que subindo aos claros Astros,
 Foraõ de tanto ardor indicios mudos
 Eraõ nos seus amantes sacrificios
 Sinaes eternos de holocaustos puros.

E ntre os mantos talaes resplandece
 Tanto a beleza, que com odio injusto,
 Com ciume immortal lamenta Venus,
 Que a vençaõ as insignias de Mercurio.

M as o Deos da eloquencia não se atreve
 A livrar do silencio o pezar justo,
 Que oprimido em violencias do decoro
 Não fia à voz hum sentimento summo.

S ublime exemplo na constancia Regia
 Dava de huma Heroína o rostro augusto,
 Sem que appareçaõ da alma os movimentos,
 Quando a feriaõ com os golpes duros.

A soberana maõ da Providencia,
 Que o Real não izenta do caduco,
 Fiel, sãbia, e prudente reconhece,
 E foi o Amor, da Fé felis triunfo.

C arlos, de quem o nome heroico aclama
 Toda huma eternidade em quatro lustros,
 Vive no Impireo, vive na memoria,
 Desprezando da Parca o corte rudo.

H E R O I C O .

O quantas vezes tolerou constante
Desde os primeiros annos os influxos ,
Comque a cruel Estrella ameaçava
Seus inclitos , e illustres attributos.

Livre não respirou o amado Infante
Sempre oprimido deste mal occulto ,
E os coraçoes não respiraraõ livres ,
No triste objecto , amantes, e confuzos.

Do excelfo Pay o entendimento raro ,
A prompta percepção , o engenho agudo ,
Bebendo as luzes da Aguia Lusitana ,
Obediente seguia o claro impulso.

Tudo roubou ao nosso amante affecto
A influencia maligna de Saturno ,
E quis a sorte , que alcançasse tanto ,
Porque sentisse mais perdendo tudo.

Parece que esperou pio , e devoto
O sacro dia , em que lamenta o mundo .
A morte , que soffreo hum Deos humano
Por decreto infalivel , e absoluto.

Em tão alto exemplar cre a piedade ,
Que voando ao Impireo , do Sepulchro
Resuscitou o espirito glorioso
Para immortalizar o seu transumpto .

R O M A N C E .

O numero de sete duplicado
 Nas bellas Nymphas do Palacio Luso,
 Excedem nas virtudes, e nas graças
 As que propunha a Eolo a antiga Juno.

Os coraçõens, que aos votos infenciveis
 Trataõ os sacrificios, como insultos,
 Só agora à piedade enternecidos
 Sentiraõ de huma seta o effeyto agudo.

Nos olhos da Princeza mais fermoza
 Os liquidos aljofares difuzos,
 America, e Europa recearaõ,
 Que eclipsados dous Soes chorem dous Mundos.

Da Infanta a magoa faz no rostro bello,
 Que o candido vencendo o rubicundo
 Entre nevas, e nuvens, brilhe a neve,
 Que até desfaya o seu matiz purpureo.

Antecipava o Ceo nas tempestades
 Innundaçoens aos campos mais fecundos,
 Na Primavera naufragando as flores,
 E em esperanças, perecendo os frutos.

Das lagrimas do Mundo eraõ presagios
 Nos deluvios do Ceo tantos anuncios
 Convertidos em mares nas tres Cortes
 O Tejo, o Mançanares, e o Danubio.

H E R O I C O.

Naõ degenerate a pena em sacrilegio
Que o Ceo aereo nos confins ceruleos
No firmamento vio gravar hum Astro
Que dirige ao Impireo o felis curço.

Na pedra imprima o saudozo pranto ;
Que ha de correr dos olhos , nunca enxutos
Hum nome , que ha de ler cega a vaidade
Mais , que como epitaphio , como estudo.

F I M.

H E R O I C O

Que dige ao Império o solis curse,
No firmamento vio gravar hum Astro
Que os seus raios nos donas curtos
Nas degenere a pena em sacrificio

Mais, que como epitaphio, como estuio,
Hum nome, que ha de ser cega a vaidade
Que ha de correr dos olhos, nunca curtos
Na pedra impima o ludo pranto,

Que o solis curse
Hum nome, que ha de ser cega a vaidade
Que ha de correr dos olhos, nunca curtos
Na pedra impima o ludo pranto,

F I M .

Que o solis curse
Hum nome, que ha de ser cega a vaidade
Que ha de correr dos olhos, nunca curtos
Na pedra impima o ludo pranto,

Que o solis curse
Hum nome, que ha de ser cega a vaidade
Que ha de correr dos olhos, nunca curtos
Na pedra impima o ludo pranto,

Que o solis curse
Hum nome, que ha de ser cega a vaidade
Que ha de correr dos olhos, nunca curtos
Na pedra impima o ludo pranto,